ENTRE MARGENS E CORRENTEZAS: VOZES FEMININAS E CRÍTICA AO PATRIARCADO EM *TUDO É RIO*, DE CARLA MADEIRA

Mary Leitao (UECE)
Maria Eduarda Cavalcante (UECE)

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar em *Tudo é rio* (2021), de Carla Madeira, como as personagens femininas, em sua grande maioria marginalizadas, são vítimas do patriarcado e de que forma o feminismo está presente nestas situações. Para tal discussão, foram utilizadas as perspectivas teóricas de Pierre Bourdieu (2012), Judith Butler (2018) e bell hooks (2019; 2018). Os resultados desta pesquisa nos apresentam que, a partir da análise de *Tudo é rio,* apesar dos avanços conquistados pelo movimento feminista, o patriarcado ainda se sobressai, sobretudo entre os grupos historicamente vulnerabilizados pela sociedade, desde as manifestações mais graves até as sutilezas do cotidiano.
Palavras-chave: Patriarcado. Feminismo. Tudo é rio.
Abstract: The objective of this article is to analyze in Carla Madeira's book *Tudo é rio* (2021), how the female characters, most of whom are marginalized, are victims of patriarchy and how feminism is present in these situations. For this discussion, the theoretical perspectives of Pierre Bourdieu (2012), Judith Butler (2018), and bell hooks (2019; 2018) were used. The results of this research show us that, based on the analysis of *Tudo é rio*, despite the advances achieved by the feminist movement, patriarchy still prevails, especially among groups historically vulnerable to society, from its most severe manifestations to the subtleties of everyday life.
Keywords: Patriarchy. Feminism. Tudo é rio.

1. Introdução

É bastante comum que muitas pessoas compreendam o feminismo de maneira simplificada, ou seja, apenas como uma luta por igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres. Essa luta estende-se muito além disso. Ora, se nem mesmo os homens entre si são iguais, como almejar referida igualdade? E qual seria a concepção de igualdade para essas mulheres que estão em meio à luta feminista? O que está implícito nessa definição simplista, segundo bell hooks (2019, p.48), "é a desconsideração de raça e classe como fatores que, juntamente com o sexismo, determinam a forma e a intensidade com que os indivíduos serão discriminados, explorados e oprimidos". Portanto, é necessário pensar o feminismo como um movimento amplo que luta tanto pelo direito à vida, como pela dignidade e liberdade das mulheres, independentemente de sua raça, classe social, orientação sexual ou identidade de gênero, como podemos conferir na citação:

> O feminismo é a luta para acabar com a opressão sexista. Seu objetivo não é beneficiar apenas um grupo específico de mulheres, uma raça ou classe social de mulheres em particular. E não se trata de privilegiar a mulher em detrimento do homem. Ele pode transformar nossas vidas de um modo significativo. E, o mais importante: o feminismo não é um estilo de vida, nem uma identidade pré-fabricada ou um papel a ser desempenhado em nossas vidas pessoais. (hooks, 2019, p.59)

Desde muito cedo as mulheres aprendem, muitas vezes de modo inconsciente, que devem obedecer, se comportar "adequadamente" e principalmente, se calar. Esse ensinamento não é isolado e nem recente, mas está enraizado na cultura, nas famílias, nas escolas e na mídia, que reforça constantemente o que é esperado do "ser mulher". Ao manter as mulheres na posição de obediência e silenciamento, o patriarcado não apenas se perpetua, mas se alimenta e se fortalece. Quanto mais elas se calam, mais ele cresce. Naturaliza-se a submissão para que ela não seja questionada, e permaneça sustentada pelo medo, culpa e pelo que é considerado "natural".

Os abusos do patriarcado nem sempre vêm em forma de agressão física. Muitas vezes ele se esconde nos detalhes do cotidiano, em silêncios forçados, nas palavras que diminuem, nos olhares controlados, nas limitações disfarçadas de proteção. A mulher aprende a se calar para evitar conflitos, a aceitar determinadas imposições para não ser chamada de "difícil", a recuar para não provocar. Agressões psicológicas, privações de liberdade, ameaças são violências que não deixam marcas físicas, mas que ferem a alma e muitas vezes passam despercebidas exatamente porque já foram normalizadas. Já fazem parte da rotina, já foram naturalizadas. E é justamente por isso que são perigosas: porque seguem acontecendo, sem que ninguém as interrompa.

Além de compactuar com o patriarcado, a mídia também apaga muitas mulheres do movimento feminista. Cria uma imagem única, onde o feminismo é representado quase sempre por mulheres brancas, héteros e de classe média. "A formação de uma teoria e de uma práxis feministas libertadoras é de responsabilidade coletiva e deve ser partilhada." (hooks, 2019, p.46). O feminismo é diversificado, feito por muitas vozes: vozes negras, indígenas, trans, periféricas, lésbicas. São essas mulheres que estão na linha de frente, mesmo sendo constantemente deixadas de lado. E isso também é uma forma de silenciamento. "O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social". (Ribeiro, 2019, p.64)

Essas violências silenciosas que o patriarcado impõe também estão fortemente presentes na literatura, esta que não tem o poder de refletir o real, mas tem o poder de o representar, pois, como diria Todorov, ela "não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos" (2009, p.22). Em *Tudo é rio,* Carla Madeira ilustra um discurso vivo repleto de sensibilidade. Ela mergulha na dor feminina, nas ausências, nos traumas vistos e nos que não se veem, mas que moldam vidas. O livro mostra como as relações são marcadas por desigualdade

que na maioria das vezes desenha, singularmente, a realidade. A autora constrói personagens femininas marcadas por experiências de abandono, violência física, simbólica e emocional, relações abusivas e desigualdade, evidenciando como essas experiências são normalizadas em um contexto patriarcal.

A escolha do tema "Entre margens e correntezas: vozes femininas e crítica ao patriarcado em *Tudo é rio,* de Carla Madeira" vem da necessidade de evidenciar como a literatura pode ir além do entretenimento, tornando-se um instrumento de denúncia, resistência e reflexão. Ao trazer histórias marcadas por dor, violência e silenciamentos, o romance evidencia o quanto ainda precisamos falar sobre a condição da mulher em uma sociedade marcada pelo patriarcado.

Com isso, os objetivos específicos são: a) investigar como as personagens femininas em *Tudo é rio* vivenciam diferentes formas de opressão patriarcal; e b) identificar traços de resistência e expressão feminista na história das personagens.

A metodologia deste artigo é constituída por pesquisas bibliográficas em livros e artigos. Entre as principais obras que serviram de base teórica para o estudo estão: *A dominação masculina* (2012), de Pierre Bourdieu; *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2018), de Judith Butler; e *Teoria feminista* (2019) e *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2018), de bell hooks.

2. Do silêncio à voz em *Tudo é rio*

Tudo é rio é o romance de estreia de Carla Madeira. Como descreve Cris Guerra no prefácio da obra: "A narrativa é um rio caudaloso de dor e vida, que guarda corredeiras onde menos se espera. Em suas águas turvas sopram ventos de fantasia com rajadas de verdade" (Madeira, 2021, p.10). Esse início prepara o leitor para um relato de dor aos moldes contemporâneos. A história gira em torno de três personagens principais: Dalva, Venâncio e Lucy. Dalva é uma mulher profundamente marcada pela dor e pela perda, uma personagem que carrega em si as cicatrizes de um amor que se transforma em violência. Logo nas primeiras páginas do livro, ela enfrenta uma tragédia que transforma sua vida: é agredida psicologicamente e fisicamente por Venâncio, seu marido, num ato brutal de ciúmes e descontrole. O que parecia ser uma relação amorosa e de companheirismo, se revela como uma relação de dominação. Começaremos a análise pela cena mais marcante da narrativa, quando

Dalva presencia o momento em que Venâncio, em uma crise de ciúmes, arranca o filho recém-nascido do casal de seus braços e o arremessa longe:

> A boca do neném buscava ansiosa o peito farto e úmido querendo sugar, engolir e ainda tão sem saber. O mamilo se dobrava passando na boquinha pequena, querendo ser pego por ela. Dalva se entregava a uma emoção única, da mais comovente ternura. O momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu, bateu. Espancou (Madeira, 2021, p. 21).

Na narrativa de *Tudo é rio* é possível interpretar a violência contra a mulher muito além de uma dominação masculina comumente observável no seio familiar. O impacto causado pela atitude de Venâncio em relação ao seu filho amplia significativamente o olhar sobre a violência que permeia o romance. Segundo hooks:

> Se a supremacia masculina encoraja o uso da força abusiva a fim de manter a dominação masculina sobre a mulher, é a ideia filosófica ocidental de regras hierárquicas e autoridade coercitiva que está na raiz da violência contra a mulher, da violência do adulto contra a criança, de toda a violência entre aqueles que dominam e aqueles que são dominados. Esse sistema de crenças é a base sobre qual a ideologia sexista e as outras ideologias de opressão de grupo estão apoiadas; elas só podem ser eliminadas se essa base for eliminada (2019, p.176).

O emprego abusivo da força pelo personagem da narrativa de Madeira comprova o que hooks defende acerca das regras hierárquicas que moldam as sociedades. A primeira vez que Dalva se depara com o lado ciumento e possessivo de Venâncio acontece ainda no início do namoro, com um desentendimento, quando achou que Ildeu, amigo do casal, estava demonstrando interesse amoroso por Dalva. O que poderia ser apenas um mal-entendido logo se transforma em um sinal de alerta:

> Nessa hora, começou a correr em direção aos dois, trombou em algumas pessoas, atravessou a rua sem olhar, chutou o portão para entrar e partiu para cima de Ildeu. Deu um soco na cara dele, com toda força que pôde reunir. [...] Os gritos foram ouvidos de dentro de casa: Você não encosta a mão no que é meu, que eu não encosto a mão no que é seu, seu merda (Madeira, 2021, p. 97).

Esse episódio já antecipava os caminhos violentos que a relação tomaria. Venâncio via Dalva não como sua companheira, mas como um objeto de sua posse. Uma mulher que só podia ser dele. Qualquer aproximação de outra pessoa já era suficiente para que ele se descontrolasse, como se estivesse sendo roubado daquilo que acreditava possuir. Seu amor era levado pela lógica de que a mulher existe para o homem e que, portanto, deve ser controlada, vigiada. Venâncio não suporta a ideia de não ser o centro absoluto da vida de Dalva.

"A dor e o silêncio entre Dalva e Venâncio, oportunizam Lucy, a prostituta esnobe, adentre a relação linear e produza na narrativa uma nova configuração, onde linear é substituída pela figura de três vértices" (Dias, 2024, p. 64). Lucy é apresentada logo no início da narrativa

de uma forma direta: como puta. Não como uma metáfora, nem com uma outra escolha de palavras como meretriz ou prostituta:

> Puta. Não tem outro nome para Lucy. De profissão ela era puta mesmo. Trabalhava num puteiro, vivia num puteiro. Mas não era puta só por isso. Se só por isso fosse, podia outros nomes mais respeitosos, como meretriz ou prostituta (Madeira, 2021, p. 14).

Lucy cresceu à margem da sociedade, marcada por abusos, privações e a constante sensação de não pertencimento. Desde muito jovem era vista como objeto, não por quem era, mas pelo que tinha a oferecer, confirmando o discurso patriarcal que vê a mulher como algo a ser conquistado e pertencido pelo homem. Nesse contexto, ela aprendeu que seu valor estava diretamente ligado à sua aparência, que seu corpo era dinheiro e sua única forma de sobrevivência:

> [...] quando Lucy ficou moça, não era mais possível ignorar a força do corpo dela. Era um convite escancarado. Ela podia estar varrendo o chão, lavando prato, indo para a missa, podia estar com dores de menstruação. Não importava, Lucy dava vontade de pegar, lamber, dava vontade de ser bicho (Madeira, 2021, p. 40).

"O corpo feminino deve ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora" (Butler, 2018, p. 31-32). Isso define muito quem ela é e como se comporta no mundo. Mesmo diante de tantas marcas, ela se envolve com Venâncio, marido de Dalva, mesmo sabendo que ele é casado, o que traz não apenas consequências, mas também reviravoltas na narrativa.

A relação de Lucy e Venâncio no começo da narrativa evidencia que a violência contra a mulher não precisa, necessariamente, se manifestar fisicamente para ser reconhecida como violência. A agressão não está apenas nos socos ou nos empurrões, mas também nas palavras que ferem, nos silêncios que gritam, nos olhares que intimidam. O controle que ele exerce é mais sutil, mas igualmente destrutivo. Ele, Venâncio, some quando ela mais precisa:

> Venâncio sumiu vários dias seguidos, justo quando Lucy tinha pressa de falar com ele. Tinha fortes motivos para querer precipitar os acontecimentos. Achou uma desfeita digna de cobrança ele não aparecer. [...] Desaforo esse homem sumir sem dar satisfação nenhuma. Filho de uma puta bagacenta, ordinário. Mas não tinha desabafo que aliviasse sua agonia (Madeira, 2021, p. 150-151).

Nesse momento, o comportamento de Venâncio é visto dentro da lógica patriarcal como algo normal, esperado. Já a agonia dela é silenciada. É nesse momento que Lucy tenta desviar sua dor e acaba voltando sua raiva para Dalva.

Logo no início do romance, Lucy enxerga Dalva como sua "inimiga interna", expressão usada por bell hooks para explicar como mulheres, influenciadas pelo machismo, acabam se opondo umas às outras:

> Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. (2018, s/p)

Nesse caso, percebemos que a rivalidade entre Lucy e Dalva vai muito além de um simples conflito por causa de Venâncio. Embora ele seja o motivo inicial, o que realmente está ali são as marcas profundas do patriarcado nas relações entre mulheres. É como se a história revelasse o quanto essas mulheres foram vítimas de uma estrutura que sempre as colocou em lugares opostos, como se precisassem se enfrentar para sobreviver, quando na verdade compartilham dores parecidas. Seguindo esse pensamento, Pierre Bourdieu afirma:

> Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, só reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (2012, p. 7-8).

Marcadas por lutas e abusos, mulheres como Lucy e Dalva são marginalizadas, e não correspondem ao modelo do feminismo amplamente divulgado pela mídia. Ainda assim, isso não significa que não exista sororidade entre elas. Pelo contrário, é justamente na dor compartilhada que vemos surgir laços silenciosos, porém fortes, de solidariedade feminina. Com isso, "a sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma" (hooks, 2018, s/p). Como aponta hooks, essa sororidade está firmada no conhecimento mútuo da dor e na escolha de transformar essa dor em resistência. É na convivência com ela e com a injustiça que essas mulheres aprendem que não precisam ser inimigas, mesmo que o mundo insista em colocá-las nesse papel. É aí que a narrativa se desenvolve. Não se trata apenas de um triângulo amoroso, mas de uma luta, mesmo que silenciosa, que denuncia as violências sofridas por elas.

Em determinado momento da narrativa, Lucy engravida de Venâncio. Acreditando que deveria contar, ela o procura. Venâncio tem um surto de raiva ao saber da gravidez e começa a agredi-la brutalmente. Mas o que surpreende nesse momento é a reação de Dalva. A mesma Dalva que Lucy carregava como sua "inimiga interna", movida por uma dor que o patriarcado alimentou. É Dalva quem salva Lucy da agressão:

> Grávida? Sua puta traiçoeira. E foi deixando crescer o corpo para cima dela, dando cabeçadas, fazendo ela sangrar, até que a ponta de uma faca arranhou seu pescoço com coragem. Era Dalva. Larga ela, Venâncio, ou eu juro que matou você, lar-ga-ela (Madeira, 2021, p. 151).

A transformação da relação entre Lucy e Dalva mostra uma crítica clara ao jeito que o patriarcado separa e coloca as mulheres umas contra as outras, alimentando rivalidades e ressentimentos como forma de enfraquecer os vínculos femininos. No momento em que Venâncio agride Lucy, é Dalva quem aparece para salvá-la, quebrando o ciclo de ódio entre mulheres que o machismo insiste em manter, mostrando que, mesmo atravessadas pela dor e pelas perdas, elas ainda podem se acolher e se proteger. Esse gesto de Dalva se intensifica e atinge seu ponto mais forte quando Lucy decide entregar seu filho a ela, uma entrega que não significa abandono, mas sim um ato de confiança e construção de um novo vínculo de cuidado entre elas:

> Lucy não parava de lembrar o que Dalva havia dito: nosso filho. O que significava aquilo? Já tinha cuspido tantas indecências na direção de Dalva, quase arrancou seus dedos, gritou tantas provocações e, agora, não tinha coragem de perguntar se João poderia voltar de vez em quando? (Madeira, 2021, p. 157)

Assim, Carla Madeira mostra a sororidade como uma força capaz de transformar, trocando a competição por um princípio baseado no afeto e na solidariedade. Esse movimento, no entanto, não acontece sem resistência, "a mulher está em uma posição em que suas práticas são controladas pelos demais, pois, quando a mulher afasta-se das expectativas criadas em torno do seu gênero, ela está sujeita a represálias" (Oliveira; Santos, 2024, p. 4). Ou seja, ao romper com os papéis ou expectativas que lhe são socialmente atribuídos, a mulher desafia uma estrutura que insiste em mantê-la submissa. Essa transformação da relação entre Lucy e Dalva rompe com a lógica patriarcal que sustenta a rivalidade entre mulheres como forma de dominação. Como afirma Pierre Bourdieu:

> Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética (2012, p. 38).

A escolha pela sororidade é também um ato de enfrentamento político, um gesto de coragem diante das regras que a sociedade impõe. Em um mundo que acostumou as mulheres a se enxergarem como rivais, optar pelo cuidado é romper com uma lógica antiga de competição. É se recusar a reproduzir o machismo que as separa.

No desfecho da narrativa, assim como Venâncio, o leitor é surpreendido pela revelação de que Vicente, o filho do casal, sobreviveu à brutal agressão cometida pelo próprio pai. Esse momento rompe com a expectativa da tragédia, mas também abre espaço para reflexão. Mesmo diante de tudo, Dalva escolhe perdoá-lo. Não porque esqueceu o que ele fez, mas porque entendeu que seguir em frente exigia mais força ainda. Ela carrega as marcas da dor, marcas

existentes em muitas mulheres na sociedade. É um gesto que revela sua humanidade, mas também expõe o quanto as mulheres são historicamente ensinadas a suportar, a seguir, e recompor o que os homens quebram.

3. Considerações finais

Ao longo deste artigo, foi possível perceber como *Tudo é rio* (2021) vai além de uma história sobre relações amorosas. O romance expõe de forma sensível, mas também brutal, como o patriarcado afeta a vida das mulheres e suas experiências. A violência que elas vivem não está apenas em agressões físicas, está também no silêncio, na culpa, no abandono e na rivalidade criada entre elas. Lucy e Dalva são mulheres diferentes, mas ambas marcadas pela dor, abandono e ausência.

No início, o patriarcado as coloca em lados opostos, como se precisassem disputar um homem que nunca ofereceu cuidado ou respeito a elas. Mas é justamente quando o ciclo de violência atinge seu ápice que uma nova possibilidade de sororidade surge entre elas. Dalva salva Lucy. Lucy confia seu filho a Dalva. E nesse gesto há resistência. É ao se reconhecerem na dor uma da outra que elas rompem com a falsa ideia da competição.

Assim, a literatura se torna um espaço não só de denúncia, mas também de esperança. Porque mostra que em meio à correnteza, ainda é possível construir uma relação de solidariedade e luta, pois "Uma literatura que ajuda a informar uma multidão de pessoas, que ajuda indivíduos a compreenderem o pensamento e as políticas feministas, precisa ser escrita em uma vasta gama de estilo e formatos" (hooks, 2018, s/p). Ainda segundo hooks (2018), se não construirmos um movimento amplo que leve a educação feminista a todas as pessoas, independentemente do gênero, a teoria e a prática do feminismo continuarão sendo enfraquecidas pelas representações distorcidas e negativas que predominam na maioria dos meios de comunicação.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DANTAS DOS SANTOS, Giny Karoline; OLIVEIRA, Silvanna Kelly Gomes de. **A visão da sociedade patriarcal sobre as mulheres em Tudo é Rio**. DISCURSIVIDADES, [S. l.], v. 15, n. 2, p. e-1522414, 2024. DOI: 10.29327/256399.15.2-12. Disponível em: https://revista.uepb.edu.br/REDISC/article/view/3115. Acesso em: 19 jul 2025.

DIAS, Ana Cimália dos Santos. **O desejo mimético na obra Tudo é rio, de Carla Madeira**. 2024. 94 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Letras - Campus Bacanga) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024. Disponível em: https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/5872. Acesso em: 19 jul 2025.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/downloadArquivo.jsf;jsessionid=1A960EA0070E0FEF1380130FD08C12EC?nomeArquivo=678-03062021-193913.pdf&diretorio=documentos&id=678&contexto=ciclodedebatesfeminismo2021. Acesso em: 22 jul 2025.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista:** da margem ao centro. Tradução: Reiner Patriota. São Paulo: Perspectiva. 2019.

MADEIRA, Carla. **Tudo é Rio**. Rio de Janeiro: Record, 2021. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/556665869/Tudo-e-Rio-Carla-Madeira. Acesso em: 22 jul 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.